



INSTITUTO
multiplicidades

A DIVERSIDADE DE POETISAS E POETAS BRASILEIROS

Em homenagem ao Dia Nacional da Poesia
14 de março de 2023

Um breve recadinho

Professores e Professoras,

Vivemos um momento no país e no mundo de muita intolerância e discriminação. Escondidas na chamada “liberdade de expressão”, pessoas expõem seus preconceitos ofendendo, perseguindo e violentando tudo e todos que são diversos a um padrão reconhecido apenas pelos grupos dominantes.

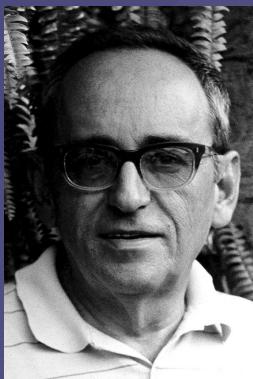
Sabemos que crianças e jovens não nascem preconceituosos. Eles se tornam em contato com os grupos sociais com os quais convivem. Quem pode quebrar as correntes da discriminação é a educação.

Por isso, convidamos vocês, professores e professoras, a iniciar um grande projeto de uma EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE.

Neste pequeno documento, selecionamos 15 poetas e poetisas diversos em seus sonhos, limitações, conquistas e lutas. Sugerimos que, primeiramente, envolvam-se nos poemas de cada um. Depois, leve-os para a sala de aula e os apresente a seus estudantes.

Como dizia o grande poeta José Carlos Limeira, “quem desconhece seus autores, ignora sua cultura e desconhece o seu próprio país.”. Que a Poesia abra portas para o respeito, para a tolerância, para a apreciação e para o amor.

*Seleção da Professora Carla Cristina Arruda
Instituto Multiplicidades*



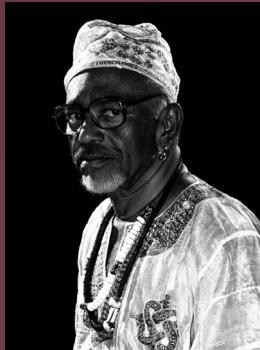
CONVITE, DE JOSÉ PAULO PAES

José Paulo Paes

José Paulo Paes nasceu em Taquaritinga, interior de São Paulo, em 22 de julho de 1926. Sempre foi um apaixonado por livros. Estudou química e trabalhou em um laboratório farmacêutico por muitos anos. Um dia resolveu escrever poesias, primeiro para os adultos e depois para as crianças. Esqueceu a química e descobriu a magia da poesia infantil, aprendeu a brincar com as palavras e escreveu muitas poesias maravilhosas para as crianças. Depois de abandonar a química, trabalhou por 25 anos com edição de livros e traduções.

Morreu em 1998, aos 72 anos.

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.
Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.
As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.
Como a água do rio
que é água sempre nova.
Como cada dia
que é sempre um novo dia.
Vamos brincar de poesia?



A poesia aos olhos de um quilombola

TREZE, de José Carlos Limeira

José Carlos Limeira

José Carlos Limeira nasceu em Salvador, Bahia, no dia primeiro de maio de 1951. Faleceu em 2016. Publicou contos, artigos, crônicas e poemas desde os anos 70. Foi membro do Coletivo de Escritores Negros Brasileiros e considerado com justiça por críticos e analistas da literatura brasileira como referência de engajamento social e escritor de destaque na temática afro. Suas incursões poéticas refletiam tensões sobre aspectos da realidade do homem negro, a imparcialidade cômoda de sua falsa liberdade. Escrita de caráter político, mas não panfletária. Poesia espontânea, de resgate histórico, herança de Luís Gama e Lima Barreto. Versada em primeira pessoa. Contemporânea. Diversa. Plural. (<https://www.jornaldopovo.net/noticia/jose-carlos-limeira>)

Cansado de ser servido,
em prantos regados de cor e som para
comensais risonhos,
que dilaceram nossos valores,
com os dentes afiados.

Quero agora, no momento lúcido
gritar o necessário fato,
de que os treze ou treze
não nos diz nada além
do que vocês, caros convivas,
querem mostrar, encobrir, ostentar.

Criaram fotos coloridas,
comemorações festivas,
toques de tambores e atabaques,
para mostrar que somos
livres, felizes, e aceitos.

Tolas mentiras!
somos sim:

lascas de suor,
cortes de chicotes,
cheiro de fogão
entradas de serviço.

Precisamos fazer algo sim
para que ao invés
do paternalismo brutal
da gentil princesinha
haja a liberdade
de podermos realmente
abrir a porta desta senzala
para fazer a festa da cor real
do som dos atabaques
de danças e corpos
que rasgarão a noite,
os tempos
no verdadeiro canto
da ABOLIÇÃO que ainda não houve.

De O Arco-Íris Negro, São Paulo, 1978



A poesia aos olhos de uma indígena

Índio eu não sou, Márcia Wayna Kambeba

Márcia Wayna Kambeba

Márcia Wayna Kambeba é indígena, do povo Omágua/Kambeba no Alto Solimões (AM). Nasceu na aldeia Belém do Solimões, do povo Tikuna. Mora hoje em Belém (PA) e é mestra em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas. Escritora, poeta, compositora, fotógrafa e ativista, Márcia percorre todo o Brasil e a América Latina com seu trabalho autoral, discutindo a importância da cultura dos povos indígenas, em uma luta descolonizadora que chama para um pensar crítico-reflexivo sobre o lugar atual dos povos originários sul-americanos.
<https://revistaacrobata.com.br/julie-dorrico/poesia/3-poemas-de-marcia-kambeba/>

Não me chame de “índio” porque
Esse nome nunca me pertenceu
Nem como apelido quero levar
Um erro que Colombo cometeu.

Por um erro de rota
Colombo em meu solo desembarcou
E no desejo de às Índias chegar
Com o nome de “índio” me apelidou.

Esse nome me traz muita dor
Uma bala em meu peito transpassou
Meu grito na mata ecoou
Meu sangue na terra jorrou.

Chegou tarde, eu já estava aqui
Caravela aportou bem ali
Eu vi “homem branco” subir
Na minha Uka me escondi.

Ele veio sem permissão
Com a cruz e a espada na mão
Nos seus olhos, uma missão
Dizimar para a civilização.

“Índio” eu não sou.
Sou Kambeba, sou Tembé
Sou kokama, sou Sataré
Sou Guarani, sou Arawaté
Sou tikuna, sou Suruí
Sou Tupinambá, sou Pataxó
Sou Terena, sou Tukano
Resisto com raça e fé

A literatura infantil aos olhos de uma criança

Usina de Sonhos, de Andréia de Freitas David

Em um mundo com pouca harmonia
Que tal um pouco de alegria?
Eis, que aconteceu um milagre,
transformando os versos de um trovador
em um sonho de amor.
Sonhar é viver,
deixando a fantasia acontecer.
O importante é fazer de cada minuto
uma vitória,
uma glória, um sentimento,
que se conquista a todo momento.
É ficar feliz com tudo e a qualquer hora,
até com a chuva que cai lá fora
quando o sol já foi embora.
Encantamento é esperar
o ano todo pelo Natal
Ou, quem sabe, formar um lindo coral
O que importa é não deixar o sonho morrer
Isso só faria você sofrer.
Mas se não conseguir aprender a sonhar,
mesmo depois de tanto tentar
Não fique triste, que a gente te ensina
Aqui, na nossa Usina.

Andréia de Freitas David escreveu este poema aos 12 anos de idade.



A poesia aos olhos de uma pessoa com deficiência

Mutatis Mutandis, Bartyra Soares

Bartyra Soares

Poetisa e contista pernambucana com deficiência visual, Bartyra teve seu primeiro poema publicado no Diário de Pernambuco aos seis anos de idade.

Ao longo de sua trajetória na escrita, também teve seus textos publicados em diversas revistas e jornais do país e fora dele, como a antologia Poésie du Brésil, em Paris, na França. Atualmente, ocupa a 37ª cadeira da Academia Pernambucana de Letras e a 13ª cadeira na Academia de Letras do Nordeste. Como contista, já recebeu quinze prêmios literários. Seu primeiro livro, "Enigma", foi publicado em 1976, seguido de "Sombras consolidadas", em 1980. Depois disso, já publicou oito obras em poesia e quatro contos. Suas obras mais recentes são "Labirinto das Águas-Eds", de poesia, e "Três Curvas & Outras Reviravoltas", de contos, ambas de 2018.

Tomo a forma do mar.
Se é preciso que em minhas águas
navegue o vento e em mim
o sol refaça caminhos
de impulsos e chamas verdes
não me furto ao compromisso que hoje
me impõe esta manhã.

Minhas águas de sal e segredo
ferem-se na aspereza dos corais
e por não ser lâmina e por não
ser espinho não tenho
como revidar. Deixo que minha dor
em mim desabe. Recolho meu grito
de incertezas e convicções.

E quando a última gaivota
da tarde no poente pousar
a sombra do seu cansaço
só então serei quem fui.
Assim sobre penhascos
e dunas não mais depositarei
lembranças e sargaços.



A poesia aos olhos de um cordelista

Poesia sobre diversidade, de Braulio Bessa

Bráulio Bessa

Bráulio Bessa nasceu no município de Alto Santo, no Sertão do Ceará, no ano de 1986. Com 14 anos aprendeu a amar a poesia de seu conterrâneo Patativa do Assaré (1909-2002). Depois que uma professora passou um trabalho escolar de pesquisa sobre o grande poeta de cordel. Bráulio Bessa, "o neto de Dedé sapateiro", como é conhecido em sua cidade natal. Entrou em contato com a poesia de Patativa e se tornou um "fazedor de poesias", como ele mesmo se define. Com grandes sonhos, ingressou na faculdade, no curso de análise de sistemas, que lhe motivou a criar um movimento na internet para divulgar e defender o povo e a cultura nordestina, do preconceito que aflora no resto do país.

<https://cafecompoemas.com/conheca-um-pouco-sobre-o-nosso-poeta-do-momento-braulio-bessa>

Seja menos preconceito, seja mais amor no peito
Seja Amor, seja muito mais amor.
E se mesmo assim for difícil ser

Não precisa ser perfeito
Se não der pra ser amor que seja pelo menos respeito.
Há quem nasceu pra julgar

É há quem nasceu pra amar
E é tão difícil entender em qual lado a gente está
Que o lado certo é amar!

Amar pra respeitar
Amar para tolerar
Amar para compreender,

Que ninguém tem o dever de ser igual a você!
O amor meu povo,
O amor é a própria cura, remédio pra qualquer mal.

Cura o amado e quem ama
O diferente e o igual
Talvez seja essa a verdade

Que é pela anormalidade que todo amor é normal.
Não é estranho ser negro, o estranho é ser racista.
Não é estranho ser pobre, o estranho é ser eletista.

O índio não é estranho, estranho é o desmatamento.

Estranho é ser rico em grana, e pobre em sentimento.
Não é estranho ser gay, estranho é ser homofóbico.

Nem meu sotaque é estranho, estranho é ser xenofóbico.
Meu corpo não é estranho, estranho é a escravidão que aprisiona seus olhos na grade de um padrão.
Minha fé não é estranha, estranho é a acusação, que acusa inclusive quem não tem religião.

O mundo sim é estranho, com tanta diversidade
Ainda não aprendeu a viver em igualdade.
Entender que nós estamos

Pecorrendo a mesma estrada.
Pretos, brancos, coloridos
Em uma só caminhada

Não carece divisão por raça, religião
Nem por sotaque
Oxente!

Sejam homem ou mulher
Você só é o que é
Por também ser diferente.

Por isso minha poesia, que sai aqui do meu peito
Diz aqui que a diferença nunca foi nenhum defeito.
Eu reforço esse clamor:
Se não der pra ser amor, que seja ao menos respeito!



A poesia aos olhos de uma imigrante do passado

Diversidade, de Tatiana Belinky

Tatiana Belinky

Tatiana Belinky é jornalista, escritora, tradutora de russo, alemão, inglês e francês. Foi colaboradora regular dos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde. Nasceu em Petrogrado (atual São Petersburgo), na Rússia, em 1919. Em 1929, veio para o Brasil com os pais e dois irmãos menores. A família se fixou em São Paulo, onde Tatiana estudou, trabalhou, casou e teve dois filhos. Em 1948, junto com o marido, Júlio de Gouveia, começou a fazer teatro para crianças, escrevendo, adaptando e traduzindo os textos que o marido produzia e dirigia. Na antiga TV Tupi, manteve programas semanais de teleteatro ao vivo durante quatro anos, escrevendo roteiros ou adaptando obras da literatura nacional e internacional. É de sua autoria a primeira grande série adaptada para a televisão de Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato. Desde 1985, publica seus próprios textos, pelos quais ganhou diversos prêmios.

<https://grupoeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/?id=174>

Um é feioso,
Outro é bonito
Um é certinho
Outro, esquisito

Um é magrelo
Outro é gordinho
Um é castanho
Outro é ruivinho

Um é tranquilo
Outro é nervoso
Um é birrento
Outro dengoso

Um é ligeiro
outro é mais lento
Um é branquelo
Outro sardento

Um é preguiçoso
Outro, animado
Um é falante
Outro é calado

Um é molenga
Outro forçudo
Um é gaiato
Outro é sisudo

Um é moroso
Outro esperto
Um é fechado
Outro é aberto

Um carrancudo
Outro, tristonho
Um divertido
Outro, enfadonho

Um é enfezado
Outro é pacato
Um é briguento
Outro é cordato

De pele clara
De pele escura
Um, fala branda
O outro, dura

Olho redondo
Olho puxado
Nariz pontudo
Ou arrebitado

Cabelo crespo
Cabelo liso
Dente de leite
Dente de siso

Um é menino
Outro é menina
(Pode ser grande
ou pequenina)

Um é bem jovem
Outro, de idade
Nada é defeito
Nem qualidade

Tudo é humano,
Bem diferente
Assim, assado
Todos são gente

Cada um na sua
E não faz mal
Di-ver-si-da-de
É que é legal

Vamos, venhamos
Isto é um fato:
Tudo igualzinho
Ai, como é chato!

Um é meni-
no
Outro é menina
(Pode ser grande
ou pequenina)



A poesia aos olhos de um imigrante no presente

O Viajante, Moisés Tiago António

Moisés Tiago António

Residente em Curitiba (PR), o poeta angolano Moisés Tiago António, ou simplesmente Moisés António, tem na condição de migrante uma de suas inspirações literárias. Uma das mais recentes obras é o poema "Choro Inocente de Menino", dedicado às crianças que ficam órfãs e desacompanhadas devido a conflitos armados no mundo todo - e muitas vezes se tornam migrantes forçadas. No Migramundo estão disponíveis outros dois de seus poemas: Sou Imigrante e Carta do Refugiado às Nações. Moisés mantém ainda uma página no Facebook chamada Moisés E A Poesia, onde estes e outros poemas podem ser encontrados.

<https://migramundo.com/choro-inocente-de-menino-poema-de-moises-antonio/>

Para quem quiser ajudar: <https://www.vakinha.com.br/vaquinha/adote-um-poeta>

De repente
um barulho ensurdecedor feito trovão, ecoa em
meus ouvidos...
É uma bomba!

Oh, vida, estou perto da morte
Mas não, porque lá dentro bem nas profundezas
da minha alma,
uma voz silenciosa sussurra em meus ouvidos
dizendo:

— Não, você não pode morrer
Prepara-te, levante e ande
És um sonhador
Você tem um sonho!

Com a minha mala na mão,
Eu sou o viajante,
preparado estou para chegar ao meu destino!

De repente, um grito ecoa em meus ouvidos
Oh vida, é um tiro que vidas levou, deixando em
desespero famílias chorando pelos seus entes
queridos que a guerra levou ao nada!

Com a minha mala na mão, sou um imigrante em
marcha
Percorrendo o mundo em busca do meu
destino!
Nesta mala,
Carrego nela muitas coisas
Vou vagueando de terra em terra à busca
da paz,

Liberdade, Justiça, Abrigo, e finalmente um
recomeço para viver a vida!

Sou imigrante
Feito uma andorinha, em busca da melhor
estação!
Como quem apenas quer viver
De braços abertos estou para um trabalho para
sobreviver!
Como um ser humano,
Estou pronto para contribuir para o crescimen-
to do país acolhedor!

Com a minha mala na mão
vou percorrendo o mundo na conquista do meu
destino,
Eu sou um Sonhador!
Sou imigrante a busca da sobrevivência...
Sou imigrante a busca de um recomeço!

Sou humano a busca da paz
Sou humano a busca de um abrigo
Enfim... no final, querendo apenas viver e che-
gar ao meu destino!

Com a minha mala na mão,
Trago nela a determinação
Trago nela o amor
Trago nela a irmandade
E a força para um recomeço
e Finalmente chegar com ela ao meu destino!



A poesia aos olhos de uma travesti

Inconfortável, Virgínia Gitzel

Travesti, trabalhadora da educação e estudante da UFABC

Travesti, poeta e colunista da rede Internacional Esquerda Diário e militante do grupo feminista e socialista, Pão e Rosas. Tem 28 anos, é estudante de Bacharel em Ciências e Humanidades na UFABC e trabalha como Auxiliar Técnica de Educação (ATE) em São Paulo. Participou da elaboração do livro "A precarização tem rosto de mulher" das Edições ISKRA com o texto "Os operários diziam: 'ela veio nos apoiar'", publicou o artigo "Notes From Brazil" na Transgender Marxism (PLUTO PRESS) do Reino Unido e também escreve poesias e crônicas sobre a realidade das travestis na Coluna "Meu corpo, um campo de batalha". Teve seu poema Colorir inserido no longa metragem "O Advento de Maria".
<https://www.esquerdadiario.com.br/Virginia-Gitzel>

Inocência
Desprotege
Não vê, não percebe
Descobre-se estranho
Pelo outro
E doí
Ver em outros olhos
Sua caricatura
Quem entenderia
Tamanha loucura
Acreditar ser
O que realmente se quer ser
Não lhe o que está (im)posto
Pois, se desperta desgosto
Melhor
Pois sigo do lado oposto

Colorir, Virgínia Gitzel

Faltará tinta
No dia que o céu for livre
Pra todos serem o que são
Cobertos pelo sol, sem nenhum tipo de opressão
Faltará nomes
Pra descrever o mundo sem as misérias
O que sentimos, o que nos tornamos
O novo ser sem medo de viver
Faltará a falta que nos entristece
Que hoje enche o peito de vazio e fumaça
Não faltará amor, não faltará sonhos
O novo mundo se abrirá para o futuro
Onde o presente dominará o passado
E nossos corações enfim serão salvos

Virgínia Gitzel



A poesia aos olhos de uma mulher negra

Vozes-mulheres, Conceição Evaristo

Conceição Evaristo

“Conceição Evaristo é um grande expoente da literatura contemporânea, romancista, poeta e contista, homenageada como Personalidade Literária do Ano pelo Prêmio Jabuti 2019 e vencedora do Prêmio Jabuti 2015. Além disso, Conceição Evaristo também é pesquisadora na área de literatura comparada e trabalhou como professora na rede pública fluminense.

Suas obras, cuja matéria-prima literária é a vivência das mulheres negras – suas principais protagonistas – são repletas de reflexões acerca das profundas desigualdades raciais brasileiras. Misturando realidade e ficção, seus textos são valorosos retratos do cotidiano, instrumentos de denúncia das opressões raciais e de gênero, mas também se voltam para a recuperação da ancestralidade da negritude brasileira, propositalmente apagada pelos portugueses durante os séculos em que perdurou o tráfico escravista.”

<https://brasilescola.uol.com.br/literatura/conceicao-evaristo.htm>

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

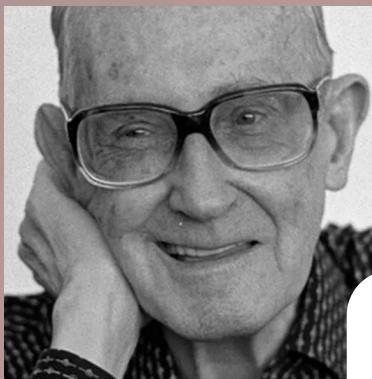
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.



A poesia aos olhos de um idoso

Os velhos, de Carlos Drummond de Andrade (poema escrito um ano antes da sua morte aos 85 anos)

Carlos Drummond de Andrade

Carlos Drummond de Andrade nasceu em 31 de outubro de 1902, em Itabira, no estado de Minas Gerais. Mais tarde, fez faculdade de Farmácia, foi redator do Diário de Minas e do Minas Gerais, além de atuar como chefe de gabinete do ministro da Educação e Saúde Pública Gustavo Capanema (1900-1985). O poeta, que faleceu em 17 de agosto de 1987, no Rio de Janeiro, fez parte da segunda geração do modernismo brasileiro. Escreveu poemas compostos por versos livres, além de obras caracterizadas pela temática do cotidiano e pela crítica sociopolítica. No entanto, apesar de apresentar elementos locais, a poesia de Drummond consegue, também, ser universal.

[https://www.portugues.com.br/literatura/carlos-drummond-andrade-trajetoria-artistica-analise-tematica.html#:~:text=Carlos%20Drummond%20de%20Andrade%20nasceu,Capanema%20\(1900%2D1985\) .](https://www.portugues.com.br/literatura/carlos-drummond-andrade-trajetoria-artistica-analise-tematica.html#:~:text=Carlos%20Drummond%20de%20Andrade%20nasceu,Capanema%20(1900%2D1985) .)

Todos nasceram velhos — desconfio.
Em casas mais velhas que a velhice,
em ruas que existiram sempre — sempre
assim como estão hoje
e não deixarão nunca de estar:
soturnas e paradas e indeléveis
mesmo no desmoronar do Juízo Final.
Os mais velhos têm 100, 200 anos
e lá se perde a conta.
Os mais novos dos novos,
não menos de 50 — enormidade.
Nenhum olha para mim.
A velhice o proíbe. Quem autorizou
existirem meninos neste largo municipal?
Quem infringiu a lei da eternidade
que não permite recomeçar a vida?
Ignoram-me. Não sou. Tenho vontade
de ser também um velho desde sempre.
Assim conversarão
comigo sobre coisas
seladas em cofre de subentendidos
a conversa infindável de monossílabos, resmungos,
tosse conclusiva.
Nem me vêem passar. Não me dão confiança.
Confiança! Confiança!
Dádiva impensável
nos semblantes fechados,
nos felpudos redingotes,
nos chapéus autoritários,
nas barbas de milênios.
Sigo, seco e só, atravessando
a floresta de velhos.



A poesia aos olhos de um presidiário

Uma volta de que traga de volta, de Alan Leite de Rezende

Alan Leite de Rezende

Diariamente, mais de 40 mil pessoas utilizam o transporte coletivo de Criciúma. São 40 mil histórias que cruzam a cidade, vão e voltam na pressa cotidiana. Mas, e quem conta as histórias que não podem se locomover?

A terceira edição do projeto “A poesia vai de ônibus”, realizado pela ACTU, em parceria com a ACLe (Academia Criciumense de Letras), é uma das ferramentas utilizadas para que estas histórias alcancem a população. É o caso dos poemas do Leandro Marques dos Santos e do Alan Leite de Rezende. Eles são reeducandos do sistema prisional, e passam seus dias no Presídio Santa Augusta. Mesmo inseridos na realidade do presídio, ambos fazem

parte dos 50 escritores selecionados, entre 400 candidatos, a terem seus poemas expostos em toda a frota dos ônibus de Criciúma. O texto do colega de Leandro, Alan Leite de Rezende, também expressa um momento delicado da vida do autor. “O poema inicia com minha situação no momento da minha condenação. Eu estava muito abalado, afogado na condição em que me encontrava. Acreditava que não houvesse esperança, mas percebi que precisava entender que tinha que seguir em frente e parar de olhar para o passado”, explicou o autor do texto chamado “Uma volta que te traga de volta”. A aproximação com a leitura fortaleceu o sentimento de esperança pelo que ainda está por vir. “A poesia tem me ajudado muito, ela pode ajudar as pessoas a libertarem seus sentimentos, aumentar a extensão de suas emoções, e é o que estou fazendo. O poema é uma extensão da minha vida social aqui dentro da penitenciária, é mais uma maneira de me manifestar e me fazer notado”, contou Rezende, que já escreveu dois livros desde que entrou para o regime prisional, há um ano e um mês. “Vamos ver se conseguimos publicar estes livros e, quem sabe, mais livros podem vir pela frente”, colocou o reeducando.

Uma volta que te traga de volta
a incompreensão que há na solidão do perdido
é fria como o ar do ártico faminto,
provoca calafrios assegurando que a dor nunca
vai passar

O sol que aquece, já não aparece,
o movimento do mundo avança, cadê a
esperança?

Na saudade eu caminho de volta,
numa volta que traga de volta as voltas do teu
sorriso,
O desenho de um amor que se apaga lentamente
na correnteza da dor...

Ah! beleza do teu sorriso...
Ah! a paz do teu abrigo...

Nunca houve solidão desfeita, nem
promessa não cumprida
é o inevitável da minha vida se cumprindo
nessa ferida.
vou-me embora, estou de frente para este
cais.
com lágrimas nos olhos eu não para de
olhar para trás.



A poesia aos olhos de uma presidiária

Ana Patrícia Januário

Mudar de vida, ter novas histórias, buscar ainda mais conhecimento por meio do estudo. Estes são alguns objetivos de Ana Patrícia Januário, de 47 anos. Ela é presidiária e completará um ano de detenção no dia 30 de março. Por meio dos livros, de textos e das poesias ela ultrapassou as grades da Penitenciária Sul Criciúma. Ana escreveu uma poesia sobre seu sorriso, mas de uma forma diferente, isto porque ela não possui alguns dentes. Por meio das palavras, contou sua angústia. Foram 180 poemas escritos no projeto “A poesia vai de ônibus”, promovido pela Associação Criciumense de Transporte Urbano (ACTU). Ao todo, 50 poemas foram escolhidos, entre eles, o da detenta. “Minha filha era casada com um traficante e escondeu drogas dentro da minha casa e a Polícia Militar (PM) encontrou os entorpecentes dentro da minha morada, mas não sabia que elas estavam lá”, lembra. Moradora do bairro Renascer, em Criciúma, Ana comenta que antes de ser presa ela ajudava a comunidade. “Fazia parte de uma assistência social. Ajudava as pessoas carentes, fazíamos festas no Natal com a ajuda de empresários e Organizações não Governamentais (ONGs). Quando sair daqui espero continuar trabalhando com isso e ajudando as pessoas”, estima. <https://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2019/muito-mais-do-que-palavras-um-poema-que-mudou-a-vida-de-uma-detenta>

“Ao passar em cada esquina
Vislumbro uma paisagem diferente
Ouço um comentário sovina
E em uma risada mostro o dente Ausente”
Ana Patrícia Januário



A poesia aos olhos de um morador da periferia

BRUNO BLACK – PRECISO SEGUIR

Bruno Black

*Sou um jovem da periferia que está em busca de realizar seus sonhos. Carioca com 6 livros publicados, morador da Zona Oeste um grande poeta, produtor Cultural e apresentador do programa *Xexelento da Peri. Tenho um lema: Se tens um dom, seja! Bruno Black tem 6 livros publicados (Perdas e Ganhos/ Face a Face o que tu me diz? / Minha Cidadania Violada até quando? / Face a Face Eu Ser Palavra / Poético e Poetas Sem Nome. Esse ano vem mais dois novos livros, um de poesia (nome não revelado) e um infantil (Sr. PUM). Já participou de diversos programas de rádio e tv: Esquenta da Regina Casé, Ritmo Brasil da Faa Morena, Salto para o Futuro e Atitude. Com da Tve, Diz que é Cria do RJTV da Rede Globo e Papo Legal da Sara Helen. Quase 8 prêmios e quase 20 Bienais do livro. Teve sua poesia exposta no projeto Poesia Agora no Museu da Língua Portuguesa em SP e na Caixa Cultural da Bahia. Está sendo considerado um dos grandes nomes do cenário cultural do RJ e em breve do Brasil. Se tratando de Bruno Black sempre um dia são novos dias, então até cenas dos próximos capítulos. "Ganhei alguns prêmios e tô em busca de respirar arte mundo a fora!"*

<https://smdp.com.br/bio/bruno-black>

Reage

Dê as suas palavras à força que deve
Limpe da mente o medo
E siga
Toque em seus sonhos
Sinta sua alma
Mova seus pensamentos
E transcend...
Têm limites?
Ultrapasse-os!
Têm medos?
Desengasgue-se!
Têm sede?
Beba-se!
Entende onde mora sua alma?
Sentiu que você é chave?
Então encontre a seu caminho e pegue a estrada dos seus sonhos
Que no mais...
O destino arruma a sua melhor roupa
E te dará oportunidade de ser livre como uma águia no céu.
Se eu fosse você repetiria incansavelmente:
Preciso seguir!



A poesia aos olhos de uma artista engajada

Homero, Luiza Romão

Luiza Romão

Luiza Romão nasceu em Ribeirão Preto, em 1992. É poeta e atriz, autora dos livros *Sangria* (2017) e *Coquetel motolove* (2014), ambos publicados pelo selo *doburro*. Há anos, participa da cena de saraus e slams da cidade de São Paulo. Em 2020, entrou no mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada (na FFLCH/usp), pesquisando o slam no Brasil. Explora a palavra poética na intersecção com a performance e o cinema. Em 2022, seu novo livro *Também guardamos pedras aqui*, publicado pela editora Nós, foi o grande vencedor do Prêmio Jabuti 2022. A coletânea de poesia da autora paulista levou o título de

Livro do Ano.

<https://rascunho.com.br/noticias/livro-de-poetica-de-luiza-romao-e-o-grande-vencedor-do-jabuti-2022/>

<https://editoranos.com.br/nossos-autores/luiza-romao/#:~:text=Luiza%20Rom%C3%A3o%20nasceu%20em%20Ribeir%C3%A3o,da%20cidade%20de%20S%C3%A3o%20Paulo.>

porém
no último canto de ilíada
aquiles devolve a príamo
o corpo de seu filho heitor

hoje nesse momento aqui
no sul do sul do mundo
ainda não se tem notícia
dos mais de duzentos desaparecidos
na ditadura militar

um corpo é um atestado de barbárie

até os gregos tinham piedade

A poesia aos olhos do Instituto Multiplicidades

Em homenagem ao Dia Nacional da Poesia, o Instituto Multiplicidades produziu um acróstico que revela seu grande sonho: um mundo em que a diversidade seja vivenciada e valorizada.

Carrossel

Dentro do meu carrossel, imagino
Indígenas, pretos, brancos, crianças, idosos.
Varietade tal de gente e de pessoas
Encantadas por estarem juntas
Respeitando e aprendendo
Sonhando e vivendo
Inspirando e se conectando.
Donas de histórias únicas
Alimentam a esperança
De um mundo justo, tolerante
Empoderado e, maravilhosamente, diverso!



INSTITUTO
multiplicidades

Instituto Multiplicidades
<http://www.institutomultiplicidades.com.br/>



@institutomultiplicidades